



Observatório do Trabalho e das Políticas Sociais para o Infantojuvenil: Particularidades da forma “ajuda”

Mateus Ballardin ¹, Laura Souza Fonseca ²

¹ Estudante de Educação Física, UFRGS

² Orientadora

INTRODUÇÃO

A investigação exposta compôs a pesquisa *“Trabalho e políticas sociais no tempo infantojuvenil: concepções e práticas no Brasil e México”* e integra a construção do *“Observatório do Trabalho e das Políticas Sociais para o Infantojuvenil”* (MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013). Apresentamos conclusões transitórias e perspectivas de continuidade. Nossa pesquisa identifica e analisa concepções e práticas do trabalho e das políticas sociais na vida de crianças e adolescentes, na Grande Cruzeiro, periferia de Porto Alegre, particularizando a forma de trabalho *“ajuda”*, dando continuidade ao trabalho iniciado naquela região em 1998, pelo Grupo Trabalho e Formação Humana.

METODOLOGIA

Como metodologia, utilizamos a análise de documentos (Shiroma, 2005 e Evangelista, s/d), tendo como instrumento o Diário de Campo – relatos sistematizados das oficinas de extensão e da participação nas reuniões da Rede e de Redinha. Bem como, fizemos um movimento inicial de dialogar com um mapa da produção acadêmica acerca do tema, Gomes (2013), e ainda, analisamos cartilhas educativas de órgãos do governo.

REFERÊNCIAS

- EVANGELISTA, O. Apontamentos para o trabalho com documentos de política educacional. (s/d).
- FONSECA, Laura Souza. TRABALHO INFANTOJUVENIL: notas sobre concepções e práticas. Revista Teias v. 16, n. 40, pg 204-221, 2015.
- FONSECA, Laura Souza; GUTERRES, Priscila e TRINDADE, Danielli. “Interfaces das Ações de Proteção Integral à Infância, à Adolescência e à Família: Escola, Socioeducativo e Conselho Tutelar”. Relatório de Pesquisa, Iniciação Científica. FAPERGS/CNPq/UFRGS, 2008-2012.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org). A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GOMES, Martina Pereira. Um estado da arte do trabalho infanto-juvenil nas universidades do estado do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. FAGED/UFRGS; Porto Alegre, 2013.
- MARX, Karl. *El Capital I. Crítica de la Economía Política*. México: Fondo de Cultura Económica Clásicos de Economía. 1991.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. Infância não é pra trabalhar. Infância é pra crescer. Ano não identificado.
- MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. Viva o Trabalho. Ano não identificado.
- MPT, Ministério Público do Trabalho. Brincar, estudar, viver... Trabalhar, só quando crescer. Ano não identificado.
- MPT, Ministério Público do Trabalho. Trabalho infantil: Mitos e verdades. Ano não identificado.
- SHIROMA, E; CAMPOS, F. C e GARCIA, R.M. Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos. 2005.

DISCUSSÃO e CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Ao longo de 2013 e 2014, levantamos 72 indícios de violação de direitos, estão entre eles: exploração do trabalho infantojuvenil, exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes, violência doméstica, tráfico de drogas, situações de rua, cárcere privado, infrequência na escola e nos espaços protetivos, ausência nas consultas aos postos de saúde. Ratificamos a compreensão de que há necessidade de olharmos para o problema à luz da dupla face do trabalho, tensionando a dimensão educativa desse, como atividade fundamentalmente humana, bem como sua manifestação histórica na sociedade capitalista, como trabalho explorado. Perspectiva elaborada a partir de Marx (1991), Frigotto (2002) e Mészáros (2002) e sob a qual entendemos o trabalho como categoria estruturante da análise. Identificamos que ambas as formas aparecem no cotidiano das crianças e dos adolescentes da região, e que a linha divisória é bastante tênue. Emerge do campo a forma de “ajuda”, invisível e ainda mais difícil de ser combatida, uma vez que tem como característica a suposta proteção na própria casa, em outras casas ou em pequenos comércios com referência familiar ou de vizinhança nas comunidades, a partir de Fonseca (2015), e ratificado pelo trabalho de campo em Belém do Pará (julho de 2016). Na comunidade, em Porto Alegre, percebemos a recorrência por meio de relatos e desenhos feitos pelas crianças e pelos adolescentes, presentes em 18 desses relatos extraídos do Diário de Campo da ação extensionista nas escolas e no socioeducativo. Na rede de proteção observamos que essa forma não aparece como trabalho, expressando possível naturalização e minimizando a necessidade de políticas protetivas ao trabalho infantil doméstico. Percebemos também como há um forte traço de diferenciação de gênero e raça, onde boa parte das crianças, que relataram trabalhar ou ajudar em casa, eram meninas negras. Em diálogo com a literatura sobre o tema, identificamos a imprecisão nos conceitos de trabalho, emprego e ajuda, existentes nas concepções e práticas de famílias. Em grande medida percebe-se o discurso moralizante de qualquer trabalho como dignificador do homem, e ainda, a necessidade de complementação de renda como causa principal do trabalho infantojuvenil. Em documentos educativos de órgãos do governo, MTE e MPT (Ano, N.I.), identificamos o limite de não abordarem a questão da ajuda problematizando trabalho doméstico ou partilha das tarefas de casa. Tal fato os leva a uma contradição, ao criminalizarem toda forma de trabalho infantil e, ao mesmo tempo, reconhecerem a importância da partilha de responsabilidade doméstica. Identificamos ainda a insuficiência de Políticas Públicas de Estado e das Políticas de Governo, não raro, percebemos que as mesmas instituições constituem-se como agentes de violação dos mesmos, caracterizando uma dupla violação (Fonseca, Guterres e Trindade, 2008-2012). Para a conclusão do Observatório articularemos a análise dos dados recolhidos no trabalho em Porto Alegre, com aqueles obtidos nas quatro regiões escolhidas para amostra nacional. Já realizada no Rio, em Niterói e em Belém; faltando cidades das regiões nordeste e centro-oeste.